

**“ËG NỸ TĨ JA KI, ËG VÃFY VỸ TỸ ËG TŨ PË NĨ GA RÓ KI”:
EXPERIÊNCIAS DO PRÉ-MUSEU KAIGANG DA ALDEIA GA RÓ NO DIA DO
PATRIMÔNIO EM PELOTAS/RS**

NICÓLLY AYRES DA SILVA¹; JULIANA BAPTISTA FERREIRA², DIEGO
LEMONS RIBEIRO³, PEDRO LUÍS MACHADO SANCHES⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – nicollyayrescontato@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ju_unesp@yahoo.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – dlrmuseologo@yahoo.com.br

⁴Universidade Federal de Pelotas – pedro.sanches@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O museu-território Kaingang da Aldeia Gyró é um espaço vivo e expandido, onde memória, ancestralidade, luta e presença se entrelaçam para além dos limites físicos e das estruturas institucionais convencionais. Este museu-território existe em uma cosmovisão própria, alimentada pelas experiências de reterritorialização, pelas práticas culturais cotidianas e pelos saberes ancestrais Kaingang. É nesse contexto que a presente pesquisa de mestrado, vinculada ao Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMSPC) no contexto do Programa de Apoio a Pesquisa Interdisciplinar na Pós-Graduação (PAPIN), investiga como dor, memória e território se entrelaçam a partir do fenômeno que o cacique da Aldeia Kaingang Ga Ró (Gyró), localizada em Pelotas/RS, denominou como pré-museu. Esse conceito, cunhado pela própria comunidade, refere-se às práticas museais que antecedem a constituição formal de um museu, mas que já desempenham funções de preservação, comunicação e afirmação cultural.

O objetivo deste relato é apresentar a primeira ação pública de extroversão desse pré-museu, realizada durante o Dia do Patrimônio da cidade de Pelotas, em agosto de 2025. A exposição intitulada “Ëg nỸ tĩ ja ki, Ëg vãfy vỸ tỸ Ëg tũ pë nĩ Ga Ró Ki”, traduzida para o português como: “Onde a gente vive, nosso artesanato é nossa cultura na Aldeia Ga Ró”, foi realizada no Museu do Doce e integrou o tema oficial do evento, “Pelotas me pertence”.

2. METODOLOGIA

O processo metodológico desenvolveu-se em diferentes momentos. O primeiro foi o planejamento coletivo, que envolveu o trabalho de campo já realizado, quando foram definidos os elementos centrais da exposição. A escolha do artesanato como eixo central relaciona-se à compreensão da comunidade de que ele é mais do que uma produção material, funcionando como expressão de memória e identidade - sem perder de vista que a escolha temática tem como princípio uma clara política de autorrepresentação. Como aponta Cury:

A autorrepresentação vem buscando o apoio que cabe às políticas sustentarem a participação direta e ativa de grupos diversos, com suas visões, vozes e lógicas próprias no museu, nas exposições e na educação museal, entre outros alcances como a pesquisa, conservação e documentação. (CURY, 2022, p. 74)

Ancorados nesse princípio, foi estabelecida a construção colaborativa da narrativa expográfica. Em seguida, ocorreu a montagem, na qual a seleção das fotografias e a disposição dos objetos foram conduzidas em conjunto com a comunidade, respeitando critérios próprios de representação. Por fim, durante os dois dias de exposição, a mediação cultural foi realizada pelo próprio Cacique Marcos Salvador, que se colocou no espaço expositivo para dialogar com o público visitante, promovendo uma mediação em primeira pessoa sobre o viver Kaingang e sua relação com o território da *Ga Ró*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ação de extroversão do pré-museu da Aldeia Ga Ró, realizada durante o Dia do Patrimônio em Pelotas, permitiu observar como território, dor e memória se entrelaçam nas narrativas Kaingang. O território, nesse contexto, não é apenas um espaço físico, mas um lugar marcado pela ancestralidade e pela luta. Para os Kaingang, a territorialização ultrapassa as fronteiras cartográficas, sendo constituída por dimensões sociais, espirituais e históricas. Como lembra Domingues (2018, p. 32), “o território concerne dimensões sociais e ambientais culturalmente específicas, uma eco-lógica particular de cada povo originário que o habita”, sendo ele também constituído pela memória e pelas práticas que reafirmam a presença indígena em espaços urbanos como Pelotas. O processo

de nomear a aldeia como *Ga Ró* (Pelotas em Kaingang) insere-se nesse movimento de reinscrição territorial, vinculando a existência contemporânea às marcas ancestrais de ocupação narradas continuamente na fala dos interlocutores indígenas.

A memória, por sua vez, aparece como um eixo fundamental da experiência expositiva. Segundo Ribeiro (2021, p. 77), “a memória pertence aos velhos, que não permitem que se deixe de praticar muitos dos rituais, pois são os rituais que alimentam e garantem que nossa memória não se apague”. Essa concepção mostra que a memória não é apenas recordação, mas prática viva e coletiva, que se atualiza nos rituais e nos objetos. No caso da exposição, os artesanatos exibidos não se restringiram a produtos materiais, mas se apresentaram como mediadores de memórias e saberes, ligando o fazer manual às histórias contadas pelos ancestrais. Essa dimensão reafirma que o pré-museu atua como espaço de mediação, onde a memória se materializa em narrativas compartilhadas, neste caso, com o público do evento.

Já a dor se apresenta como categoria de mediação intercultural. No cotidiano Kaingang, a dor é um elemento singular e coletivo, que conecta indivíduos, sociedade indígena e sociedade não indígena. Conforme Diehl (2001 apud ROCHA, 2005, p. 94), “a dor, como sensação, serve para relacionar o indivíduo e a sociedade, ou no caso dos Kaingang, o indivíduo, sua sociedade e a sociedade não-indígena”. Ou seja, a dor não é apenas experiência corporal, mas também linguagem social capaz de abrir diálogos com o outro. A exposição, ao narrar as dificuldades da comunidade e o lugar do artesanato na sobrevivência cotidiana, também colocou em cena essa dimensão de dor, não como ausência de vida, mas como potência de resistência e negociação.

Dessa forma, a experiência no Museu do Doce demonstrou que o pré-museu da Aldeia *Ga Ró* atua como espaço em que território, memória e dor se convergem em expressões museais. O território emerge como reafirmação de pertencimento e de luta pela continuidade; a memória se atualiza nas práticas artesanais e narrativas coletivas; e a dor aparece como elo de mediação entre mundos culturais distintos. Essas dimensões, entrecruzadas, revelam que o pré-museu não é apenas uma etapa anterior à criação formal de um museu, mas um campo de disputas simbólicas e de afirmação política e identitária.

4. CONCLUSÕES

A exposição “Ëg nỹ tĩ ja ki, ãg vãfy vỹ tỹ ãg tũ pẽ nĩ Ga ró Ki”, realizada no Dia do Patrimônio de Pelotas, marcou o primeiro gesto público do pré-museu da Aldeia Ga Ró e possibilitou que a comunidade Kaingang ocupasse um espaço museológico da cidade com suas próprias narrativas. Mais do que uma atividade cultural, a experiência demonstrou que o pré-museu já se constitui como um dispositivo político e simbólico de afirmação identitária. O diálogo entre território, memória e dor mostrou que o pré-museu não se restringe a um estágio preparatório, mas configura-se como prática museológica própria, fundamentada em epistemologias indígenas Kaingang. O território emerge como dimensão de pertencimento e resistência; a memória, como atualização viva comunicada em objetos e narrativas; e a dor, como linguagem social que cria pontes de diálogo com outros mundos. Mais do que representar os Kaingang, o pré-museu permite que eles se representem, tensionando os limites da museologia hegemônica. Como desdobramento, a experiência abre caminhos para colaborações contínuas entre a comunidade, a universidade e as instituições culturais locais, ampliando a presença Kaingang em Pelotas e consolidando o pré-museu como espaço de resistência e futuro.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CURY, Marília Xavier. Narrativas museográficas e autorrepresentação indígena: a museologia colaborativa em construção. **Revista de Antropologia del Museo Entre Ríos**. São Paulo, 2022.

DOMINGUES, Andressa Santos. **Kaingang da Gyró: memória e territorialização na cidade de Pelotas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Antropologia). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

RIBEIRO, Laísa Arlene Sales. **Cultura de resistência entre memórias e imaginação à materialização: meninos/homens Kaingang na contemporaneidade na Terra Indígena Guarita/RS**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

ROCHA, Cinthia Creatini da. **Adoecer e curar: processos da sociabilidade Kaingang**. Dissertação (Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.